

Diferentemente de outros filósofos que estabelecem hierarquias e subjugam as paixões à razão, para Espinosa a felicidade — e portanto a liberdade — não está em nos livrarmos das paixões. Assim ele diz:

A felicidade não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude; e não gozamos dela por refrearmos as paixões, mas, ao contrário, gozamos dela por podermos refrear as paixões.⁷

As boas paixões permitem o desenvolvimento humano, facilitam o encontro das pessoas e proporcionam a alegria. As más impedem o crescimento, corrompem as relações e as orientam para as formas de exploração e destruição.

7 As teorias contemporâneas

No final do século XIX, Friedrich Nietzsche critica Sócrates por ter sido o primeiro a encaminhar a reflexão moral em direção ao controle racional das paixões. Acrescenta que a tendência de desconfiar dos instintos culminou com o ascetismo cristão, que ele responsabiliza pelo processo de domesticação do ser humano, ao torná-lo culpado e fraco. Orienta-se então no sentido de recuperar as forças vitais, instintivas, subjugadas pela razão durante séculos.

Veremos como essas ideias influenciaram os pensadores que se seguiram.

► Freud e a natureza sexual da conduta humana

O médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939), fundador da psicanálise, ao levantar a hipótese do inconsciente desmente as crenças racionalistas segundo as quais a consciência humana é o centro das decisões e do controle dos desejos. Diante das forças conflitantes das pulsões, o indivíduo reage, mas desconhece os determinantes de sua ação. Caberá ao processo psicanalítico auxiliá-lo a recuperar o que foi silenciado pela repressão dos desejos.

Outra inovação da psicanálise encontra-se na compreensão da natureza sexual da conduta humana. A energia que preside todos os atos humanos é de natureza pulsional, pela qual Freud põe em relevo o conceito de libido. De difícil definição, a libido pode ser entendida como a pulsão da energia sexual, mais propriamente a manifes-

tação dinâmica da pulsão sexual na vida psíquica. Na psicanálise, a energia das pulsões refere-se a tudo o que podemos incluir sob o nome de amor.

E ETIMOLOGIA

Libido. Do latim, *libitus*, "desejo", "vontade".

** PARA SABER MAIS

Nietzsche e Freud são examinados em outros capítulos. Para localizar as referências, confira o **Índice de nomes** no final do livro.

A sexualidade para Freud tem um sentido bastante amplo e não deve ser associada apenas à genitalidade, isto é, aos atos que se referem explicitamente à atividade sexual. Uma das maneiras de reencaminhar as energias sexuais é a sublimação, pela qual a força primária da libido é desviada para um alvo não sexual caracterizado por atividades valorizadas socialmente. Segundo a teoria freudiana, há libido investida em todos os atos psíquicos, o que nos permite encontrar prazer também em atividades que não são primariamente de natureza sexual. Exemplos de formas sublimadas da libido são o trabalho, o jogo, a investigação intelectual e a produção artística, entre outras.

A cultura torna-se possível, portanto, pelo controle do desejo. Nem sempre, porém, a regulação da sexualidade é saudável e consciente, sobretudo quando as normas introjetadas no inconsciente impedem a decisão autônoma das pessoas. O processo de repressão ocorre quando o ego, sob o comando do superego, não toma conhecimento das exigências do id, por serem demasiadamente conflitivas e inconciliáveis com a moral, e por isso elas são rejeitadas, permanecendo no inconsciente. Entretanto, a energia não canalizada reaparece sob a forma de sintomas, muitas vezes neuróticos. A sexualidade expressa-se numa relação ambígua de atração e repulsa, desejo e culpa.

Em *O mal-estar da civilização*, Freud observa que as forças agressivas e egoístas precisaram ser controladas para permitir o convívio humano e a vida moral, mas se pergunta em que medida essa renúncia pode ser autodestrutiva a ponto de comprometer a felicidade. Conclui com pessimismo que é alto o preço pago pelo indivíduo para se tornar civilizado.

⁷ ESPINOSA, Baruch. *Ética*, Livro V, Proposição XLII. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 306. (Coleção Os Pensadores).